

“HISTÓRIAS DE TETÉ” O LIVRO DE LEITURA DE PEDRO WAYNE

Cristina Maria Rosa
UFPEL
cris@ufpel.tche.br

Resumo: A pesquisa teve como **objetivo** registrar e analisar a história do inédito Livro de Leitura “Histórias de Teté” manuscrito e ilustrado por Pedro Wayne, um escritor gaúcho modernista do início do século 20. A partir da biobibliografia do autor, contextualizo a escrita da obra e suas relações com a história da cultura escrita, apoiada em Galvão (2007), Bosi (1994) e Zilberman (1985, 1992). Metodologicamente partiu de **Fontes Orais** (a viúva, a filha e amigos) e **Fontes Documentais** (Obras publicadas; fortuna crítica e acervos individuais ou públicos). Como resultado produziu-se a obra “Um Alfabeto à Parte: Uma biobibliografia de Pedro Rubens de Freitas Weyne, o Pedro Wayne”.

Palavras-chave: Cultura Escrita; Biobibliografia; Alfabetização

1. Introdução

“Histórias de Teté” é um livro de leitura que foi manuscrito e ilustrado por Pedro Wayne¹ no final dos anos 30² e permaneceu inédito até hoje. Embora o autor seja poeta e romancista e o título traga implícita a idéia de “Histórias” não é um livro de literatura para crianças similares aos atuais. A descoberta do manuscrito entre os guardados familiares do escritor levaram-me a dar início a uma pesquisa de cunho qualitativo que resultou na publicação de uma obra que apresenta, na íntegra, o livro de leitura “Histórias de Teté” (ROSA, 2008).

Historicamente o livro oferece a contextualização de uma época – as primeiras décadas do século XX – e as oportunidades de estudo e cultura que o

¹ Escritor gaúcho (1904-1951) autor de “Xarqueada” Wayne foi um modernista, segundo seus estudiosos. Vivendo a adultez em Bagé, é oriundo de uma família de poetas, entre eles, Emília Freitas, poeta abolicionista que publicou o primeiro romance fantástico do Brasil.

² A data pode ser apenas aproximada, uma vez que Ester, a destinatária do livro de leitura, nascida em 1936, aprendeu a ler nele antes dos cinco anos.

escritor teve em Pelotas. Educacionalmente a contribuição maior está no conhecimento do livro de leitura “Histórias de Teté” e no reconhecimento de seu pertencimento à história da Cultura Escrita, além de seu ineditismo enquanto conteúdo, metodologia e conceito de universo infantil. Literariamente a contribuição se situa na escrita da genealogia de Wayne.

2. A leitura e a literatura infantil

Na historiografia da literatura infantil brasileira encontram-se registros que reconhecem Monteiro Lobato como uma figura chave, o iniciador, um criador de personagens, tramas e de uma cultura. Para Cadermatori (2006) essa história, por muito tempo, viveu à sombra de seu nome, uma vez que o escritor assumiu, através de sua escrita, a responsabilidade da denúncia ao unir literatura e questões sociais.

Na época em que “Histórias de Teté” foi escrito e ilustrado – a primeira metade do século XX, possivelmente entre os anos 1937-1941 – não havia profusão de livros de literatura para crianças e isso não apenas no Rio Grande do Sul³. Além disso, toda a produção era destinada ao leitor jovem, “entre doze e os dezessete anos, aproximadamente, quer pela extensão das narrativas, quer pelo conteúdo temático desenvolvido” (MARCHI, 2000, p. 55), o que pode ser atribuído ao tardio início da atividade de leitura entre o público infantil⁴.

Nas escolas, após a reforma iniciada com a Revolução de 30 e a criação do Ministério de Educação, deu-se nova regulamentação do ensino primário e secundário⁵. O “livro de leitura” deveria conter, segundo essa reforma, conteúdo de leitura orientada em dois sentidos: “um, que interesse mais às meninas, e o outro, aos rapazes” (ZILBERMAN, 1996).

³ No Rio Grande do Sul, é apenas a partir de 1922 que a organização do que viria a ser a Editora Globo pode oferecer suporte aos escritores que anteriormente precisavam deslocar-se para a região centro-sul do país (MARCHI, 2000).

⁴ Se considerar-se que os métodos de ensino da leitura empregados à época tinham como foco a decodificação, seria esperado que o aprendiz atingisse a condição leitora apenas após três ou quatro anos de escolaridade, o que concorre para a proposição de livros para a faixa etária a partir desse patamar.

⁵ Em junho de 1931, o ministro expediu os “programas do curso fundamental do ensino secundário”, fixando os objetivos e os conteúdos para a matéria agora denominada Português (Brasil, 1931). A meta principal desta cadeira é “proporcionar ao estudante a aquisição efetiva da língua portuguesa, habilitando-o a exprimir-se corretamente, comunicando-lhe o gosto da leitura dos bons escritores e ministrando-lhe o cabedal indispensável à formação do seu espírito bem como à sua educação literária” (ZILBERMAN, 1996).

Segundo Lajolo e Zilberman (1999) “o crescimento quantitativo da produção para crianças e a atração que ela começa a exercer sobre escritores comprometidos com a renovação da arte nacional demonstram que o mercado estava sendo favorável aos livros”. O movimento realizado por Lobato, desde os anos 20, produziu um impacto interessante tanto entre autores como no mercado editorial⁶, alimentado pela “consolidação da classe média, em decorrência do avanço da industrialização e da modernização econômica e administrativa do país” além do “aumento da escolaridade dos grupos urbanos e a nova posição da literatura e da arte após a revolução modernista” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 47).

Na maioria das escolas públicas o livro de leitura mais utilizado ainda era a Cartilha⁷ ou Manual de Leitura, e livros como “Narizinho Arrebitado” de Lobato eram dedicados a crianças que já houvessem aprendido a ler. No caso de Ester, a filha do escritor Pedro Wayne, a Cartilha “Queres ler?” é que foi adotada no grupo escolar no qual fez as primeiras quatro séries do Ensino Fundamental e as leituras que fazia em casa não eram mencionadas na escola.

Para Lajolo e Zilberman (1999) “é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil”. As autoras localizam esse fenômeno no momento em que a escolaridade passa a ter uma importância grande, uma vez que a sociedade estava se transformando de rural para urbana, cabendo à escola a “iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades, técnicas e conhecimentos necessários, inclusive à produção de bens culturais” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 25).

Embora até meados do século XX o Brasil tenha sido “um país marcado pela oralidade e pelo analfabetismo”⁸ (GALVÃO, 2007, p. 11), na casa de Pedro Wayne todos eram alfabetizados e leitores e havia um movimento de relação profundamente significativa com a leitura: Pedro escrevia em seu escritório, um lugar

⁶ Editoras como Monteiro Lobato e CIA, Companhia Editora Nacional, Brasiliense, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, Melhoramentos, Editora do Brasil são algumas das novas que surgem no período 1910-1940 e, todas, abrem portas para a literatura infantil (LAJOLO & ZILBERMAN, 1999).

⁷ Para Cagliari, (1999) o nome ‘cartinha’ ou ‘cartilha’ tem a ver com ‘carta’, no sentido de esquema, mapa de orientação. Atualmente se utiliza essa nomenclatura quando se quer fazer referência explícita aos manuais de alfabetização de orientação metodológica sintética ou analítica.

⁸ O primeiro Censo realizado no Brasil (1870) indicou 18% da população alfabetizada. Em 1920, apenas 28,8% das pessoas com 5anos ou mais eram alfabetizadas e em 1940, 38,4% (Ferrari, 1985).

com ares de sagrado⁹, correspondia-se com importantes escritores brasileiros, providenciava recursos para que as crianças lessem os últimos lançamentos e colecionassem obras além de receber em sua casa outros artistas, sendo considerado um orientador por alguns deles¹⁰.

Em estudos sobre as formas de inserção e participação nas culturas do escrito e sobre a transmissão da herança cultural é bastante freqüente o reconhecimento de que há um trabalho sistemático realizado ao mesmo tempo por quem “transmite” e por quem “herda” (GALVÃO, 2007, p. 15), o que poderia levar a supor que Wayne tenha, sistematicamente e através do livro de leitura, intencionado alfabetizar a filha caçula precocemente. Dina, a viúva de Pedro Wayne lembra que trazer livros e revistas para os filhos era um hábito de Pedro e que Ernesto, o mais velho, vivia na expectativa de um impresso novo; assim que ele aparecia nas bancas, dava um jeito de possuí-lo. Na casa havia certa hierarquia para a leitura do novo exemplar: primeiro Ernesto, depois Dolores, logo a seguir Ramón e por fim Ester. Essa memória, no entanto, refere-se ao tempo em que Ester já lia.

3. História da cultura escrita

Três dimensões constituem, preponderantemente, a historiografia a respeito da cultura escrita no Brasil: a escolarização como o processo por excelência de entrada nessa cultura; a produção e difusão do impresso como principais evidências de usos da escrita e; as taxas de alfabetização como o indicador privilegiado da existência de usuários da língua escrita (GALVÃO, 2007, p. 9-10). No entanto, existem estudos que objetivam incluir nessa historiografia os modos de inserção não-escolares, o manuscrito e a oralidade. Seria esse o caso de “Histórias de Teté”?

Considerando esses três aspectos fundantes da historiografia – escolarização, alfabetização e impressos – é possível afirmar que “Histórias de Teté”

⁹ Segunda filha Ester, o local não era proibido, mas também não era de livre acesso. Ali havia uma espessa fumaça (Pedro fumava contumazmente) e todos sabiam que aquele era um lugar importante para o pai, que ali havia documentos e livros que não podiam estragar, sair de determinado lugar ou sumir. A filha do escritor acredita que desse culto ao local surgiu, em todos os filhos, o hábito de ter, em suas próprias casas, um escritório. Dina, viúva do escritor, lembrou que freqüentava a biblioteca de Pedro para lhe fazer companhia e, para não incomodá-lo, lia um dos romances que ele trazia para casa.

¹⁰ Em recente entrevista Glenio Bianchetti – um dos intelectuais que foi recebido e orientado por Pedro – reconheceu a influência do escritor quando ele e outros – os “novos de Bagé” passaram a se interessar mais organizadamente por arte, literatura, política.

estaria à margem e não poderia ser analisado, uma vez que não foi utilizado em nenhum processo formal de escolarização, nunca foi publicado e alfabetizou apenas uma pessoa. Se considerarmos os modos de inserção não-escolares, a qualidade do manuscrito e os resultados que produziu em um indivíduo e sua família, no entanto, teríamos mais de um argumento para considerá-lo interessante, possível, viável e pertinente.

Será que Pedro Wayne considerava as cartilhas da época inadequadas? Será que imaginava que eram adequadas apenas a partir dos sete anos? O que pensava dos livros infantis que circulavam à época? Para Lajolo e Zilberman (1999, p. 28) “campanhas pela instrução, pela alfabetização e pela escola davam retaguarda e prestígio aos esforços de dotar o Brasil de uma literatura infantil nacional” e “é preciso não esquecer a grande importância – para a literatura infantil – que o saber passa a deter no novo modelo social que começa a se impor”.

Entre o espólio de Pedro encontram-se alguns indícios de que sim, ele pensava sobre o ler e o ensinar a ler. Na pesquisa desenvolvida junto a Casa de Cultura Pedro Wayne pode-se encontrar, no armário que guarda parte das obras da biblioteca de Pedro Wayne, um livro sobre Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa. Intitulado “Como se aprende a língua: Curso Geral”. De autoria de A. de Sampaio Doria, foi publicada em sua sexta edição pela Companhia Editora Nacional em 1931. Nesse livro, já no prefácio o autor afirma que no aprendizado de língua, três fases são fundamentais: aprender a ler; assimilar o idioma; exercitá-lo, falando e escrevendo.

Se entre o espólio de Pedro foi possível encontrar indícios de pensava sobre o ler e o ensinar a ler, a obra que criou – História de Teté – é a materialização de um conceito de Livro de leitura. Outro indício de que Pedro ocupava-se em discutir o uso da língua escrita é um artigo publicado em 1940, possivelmente quando as “Histórias de Teté” estavam sendo escritas. Oriundo de escolas que lhe ofereceram um ensino clássico e tendo tido sucesso nessa escola, Pedro analisa criticamente a língua empregada nos impressos disponíveis à época na matéria publicada no Jornal “A Razão”, em agosto de 1940. Intitulado “Linguagem Arrevesada”, Pedro tece uma crítica à escrita que era entendida apenas pelos cultos, os escolarizados. Ele escreve:

“No Brasil faz muito pouco tempo que começamos a escrever para o povo. Antes, mesmo os letrados, só de dicionário em punho para entender as crônicas, os contos, os romances” (A RAZÃO, 17/08/1940).

Assim, é possível afirmar que o livro de leitura “Histórias de Teté” merece figurar na História da Cultura Escrita. Mais que um manual de alfabetização de orientação sintética, embora não seja um livro de literatura, se encontra na bifurcação, ou melhor, no encontro que o desejo de ensinar a ler através de uma linguagem adequada à infância produz experimentos.

Manuscrito e ilustrado, é inovador para a época (primeira metade do século XX) e mesmo quando observado após o longo intervalo de tempo em que ficou guardado (70 anos após sua confecção). Merece ser incluído nos registros historiográficos por sua existência (foi preservado) e autoria (um escritor com obra conhecida), por seu enredo (é uma história para crianças) e linguagem (registro de uma época), por seus conceitos (adoção, velhice, infância) e seus objetivos alcançados.

4. O Manuscrito

“Histórias de Teté” foi escrito em Bagé, uma das cidades interioranas do Estado do Rio Grande do Sul, que à época, possuía um “parque editorial precário” (Marchi, 2000, p. 54), demandando que os autores buscassem no Rio de Janeiro ou São Paulo as editoras para publicar e distribuir suas obras. Ao considerar-se que Pedro Wayne havia publicado recentemente seu primeiro Romance pela Editora Guanabara do Rio de Janeiro (1937) e que a literatura infantil enquanto gênero estava dando seus primeiros passos, pode-se supor que esses intervenientes tenham sido suficientes para manter “Histórias de Teté” como um manuscrito de uso próprio, familiar.

Para Ester a herdeira de Pedro Wayne, o motivo de escrita do livro foi sua curiosidade em conhecer o que seus irmãos já dominavam. Em suas palavras, “talvez eu tivesse alguma curiosidade que motivou ele a fazer o livro, talvez tenha sido isso, por eu ser mais moça, os outros já liam...” (NOGUEIRA, 10/05/2008). Lembra que o irmão, Ernesto, era fascinado por cinema e leitura e essa ambiente pode ter despertado nela o desejo por aprender, levando o pai a escrever “Histórias de Teté”:

“O Neto era cinema e livro: o Neto pegava o dinheiro de todos e ia para a livraria comprar livro. Talvez nisso aí tenha surgido o livro, porque eu ficava de fora, eu tinha quatro anos, eles liam e eu ficava de fora... por que eu não sabia ler, eu tinha 4 anos, o Neto tinha onze, a Lolinha vinha logo atrás, dez, isso eu não lembro, é a lógica...” (NOGUEIRA, 2008).

O formato do livro é de tamanho A4, o autor utilizou-se de folhas de ofício dobradas ao meio e depois confeccionou uma capa com uma espécie de cartona bem consistente, provavelmente capas de outros impressos reaproveitados.

Metodologicamente apresenta as letras do Alfabeto como personagens, em ordem alfabética e cumulativamente, são as características que o definem como tal. Mais explicitamente, a “metodologia de ensino” empregada, representada pela retomada constante dessa ordem com o intuito claro de que o leitor a memorize, indica que sim, o autor desejava imprimir ao livro um caráter pedagógico. O fragmento abaixo ilustra os argumentos elencados:

“Então a estrelinha disse que se chamava D. O senhor A e a senhora B sentindo falta do menino C, se levantaram e ficaram admirados ao vêr a estrelinha D, ali junto A B C D, naquela noite nem pensaram mais em dormir” (WAYNE, s/d, 1º Tomo).

No entanto, pela complexidade do enredo, pelo volume da obra, uso de conceitos e vocabulário rico se pode afirmar que “Histórias de Teté” é mais que um livro de leitura no sentido escolar, se aproximando bastante de um livro de literatura e, mesmo assim, incomum à época. Além disso, é preciso considerar que o livro atingiu seu objetivo com uma criança em idade pré-escolar – a filha do escritor –, o que por si só lhe torna merecedor de um olhar investigativo.

5. Análise da obra

Para a análise do Livro de Leitura “Histórias de Teté” três linhas foram adotadas: 1) O livro no universo da obra do escritor, tendo como foco sua relação com a história da cultura escrita; 2) A concepção metodológica que a obra apresenta, observada na história da alfabetização no Brasil; 3) Os significados de infância nela inseridos, considerando-se as demais “infâncias” que o autor produziu em sua obra, especialmente em prosa.

As questões que orientaram a investigação foram: Qual a contribuição científica que o registro e a análise do livro de leitura “Histórias de Teté” oferecem

aos estudos da História da Cultura Escrita? Qual o impacto desse manuscrito na história dos Métodos e Processos de Ensino da Leitura no Brasil? Seria ele um possível “manual” ou “cartilha” a ser generalizado? Quais os conceitos de infância que o livro apresenta? O livro poderia ser filiado à história da literatura infantil emergente à época, representada pela obra de Lobato e Verissimo?

Para a análise metodológica de “Histórias de Teté” parti do pressuposto de que é possível registrar a história “a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas” (LOPES & GALVÃO, 2001) e, no caso do livro de leitura de Pedro Wayne, criado para inserir a filha no universo da palavra escrita, fontes orais foram utilizadas, preponderantemente a viúva Dina (1908), a filha Ester (1936) e o amigo Poty Reis (1929).

Ao escrever a biobibliografia de Wayne busquei elementos para compreender o contexto no qual foi produzido o livro de leitura “Histórias de Teté” uma vez que sua intenção estava clara e seu objetivo foi alcançado. Para uma pesquisa desse cunho nada pode ser desconsiderado: qualquer comentário, detalhe, lembrança e até mesmo um procedimento pode oferecer pistas.

As fontes documentais que ofereceram, preponderantemente, pistas sobre o contexto no qual Pedro estava inserido ao escrever “Histórias de Teté” foram suas publicações (de 1931 – ano de seu primeiro livro “Versos Meninosos e a lua” – a 1951, ano de sua morte); um manuscrito inédito de seu pai, Rubens Weyne e duas biografias escritas por seu filho, Ernesto Wayne. Além disso, obras publicadas e estudos acadêmicos sobre a história da literatura, da educação, do Rio Grande do Sul e da cultura escrita foram preponderantes.

Os procedimentos adotados com as Fontes Orais foram entrevistas não estruturadas com familiares ao vivo, por telefone e e-mail; gravação e estruturação de novas entrevistas (realizadas posteriormente) e confirmação de informações entre diferentes informantes e mesmo em documentos. O tempo percorrido entre a primeira conversa com o neto de Pedro Wayne (outubro de 2007) e a publicação do livro (Fevereiro de 2009) foi recheado de entrevistas, leituras, horas em bibliotecas, arquivos e sebos além de muitas em frente ao computador. A escrita da biografia teve como suporte a colaboração preciosa da filha do escritor, que, com olhar atento e documentos pessoais, impediu que datas, nomes e outros dados ficassem incorretamente registrados.

A localização de uma familiar distante, cujo avô é primo irmão do avô de Pedro Wayne – a escritora, poeta, e trovadora Maryse Weyne Cunha (1922) – e um amigo de Pedro Wayne foram importantes momentos de pesquisa. Outra imensa surpresa foi encontrar os três irmãos Weyne, Rubens, Paulo e Marco, filhos do irmão mais novo de Pedro, Afonso Juarez. Devo a esses três homens o acesso a um manuscrito de profunda importância, escrito em 1954-55 pelo pai de Pedro Wayne, denominado “Apontamentos, impressões e evocações de minha viagem de Porto Alegre à Recife (1954 - 1955)” que possibilitou conhecer a infância de Pedro, sob o olhar do pai, Rubens Weyne.

Os procedimentos adotados com as Fontes Documentais – todas arroladas nas referências – foram: Leitura da obra de Pedro Wayne, através de exemplares cedidos pela família, por amigos e em edições encontradas e adquiridas em sebos, uma vez que todos os seus livros estão esgotados. É importante considerar que o “esfacelamento” do acervo de Pedro não é uma novidade entre os pesquisadores que buscam reconstruir histórias de vida e trajetórias intelectuais. Pelo contrário, é comum que parte do espólio esteja sob controle da família, de amigos ou mesmo de colecionadores que não os desejam públicas por temer que desapareçam. As lacunas que esse trabalho apresenta, tanto em relação à biografia de Pedro Wayne como no que diz respeito a seus escritos, podem ser encaradas como “pistas” para outras investigações e produções.

Além da leitura da obra de Pedro, realizei consultas ao Arquivo Público Municipal de Bagé e à Casa de Cultura Pedro Wayne para leitura, transcrição e fotografia de parte do espólio tombado, leitura de obras concernentes à época, ao gênero e à literatura brasileira e gaúcha e procura em sebos e sites sobre o autor, a obra e o período.

O registro desses documentos obedeceu à lógica do local do qual são oriundos. Assim, os documentos encontrados nos arquivos dos Colégios Gonzaga e Pelotense bem como na Catedral São Francisco de Paula e Igreja do Porto foram transcritos e fotografados; os encontrados na Biblioteca Pública Pelotense, transcritos. Cópias de documentos registrados em Cartórios e Registros de Imóveis foram adquiridas. A escrita do esboço do texto foi submetida ao apoio oferecido pelo Orientador e pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM; e a biografia de

Pedro Wayne, ao crivo de uma familiar. No entanto, o texto final é de minha inteira responsabilidade.

O manuscrito no espólio do escritor

Entre o espólio de Pedro Wayne (livros publicados, publicações em jornais e revistas, correspondência, fotos e poemas) se encontram manuscritos inéditos, alguns tombados no Casa de Cultura Pedro Wayne, outros de posse de familiares. Um dos mais interessantes é o livro de leitura “Histórias de Teté”, um livro em três tomos manuscrito e ilustrado quando a filha caçula do escritor quis aprender a ler no final dos anos 30.

O principal problema a ser abordado é: Qual a importância do livro de leitura “Histórias de Teté” na História dos Métodos de Ensino da Leitura e da Alfabetização no Brasil? Seria ele um possível “manual” ou “cartilha” a ser generalizado? Ou, pelo contrário, se filiaria à literatura infantil emergente à época, representada pela obra de Lobato e logo depois Érico Veríssimo?

O manuscrito que Pedro Wayne legou à filha Ester é composto por três pequenos livros, cada um deles encadernado e com título próprio, sendo o primeiro “Histórias de Teté”, o segundo “Outras Histórias da Teté” e o último “Continuam as Histórias da Teté”. Como a preservação das fontes é tão importante quanto o conhecimento de seu conteúdo, para o trabalho de transcrição foi utilizada cópia dos originais que a família disponibilizou. Na transcrição foi mantida a grafia e a pontuação utilizadas pelo autor.

Há alguns detalhes como o papel da capa, a cor das páginas, a costura à mão feita pelo escritor para a união das folhas, o cordão que, com agulha foi perfurando e, ao mesmo tempo unindo as páginas de “Histórias de Teté” que nenhum estudo, scanearamento ou reprografia podem reproduzir. Pedro Wayne, além de escrever e ilustrar, se tornava um gráfico e um editor, indicando um caráter cuidadoso e perfeccionista aos moldes dos primeiros estudantes europeus que não dispunham da imprensa para seus cadernos de textos (GATTI JR, 2005).

A importância da transcrição para a história da Alfabetização pode ser considerada sob vários aspectos, entre eles, conhecer, registrar e analisar o livro de leitura “Histórias de Teté” tendo como foco sua relação com a História dos Métodos de Leitura e Alfabetização no Brasil. Como objetivos específicos pretende-se

evidenciar o contexto literário que abriga o surgimento da obra, registrar seu conteúdo lingüístico (elementos fonológicos, léxicos, gramaticais, sociolingüísticos, entre outros), explicitar sua concepção metodológica, conhecer os significados de infância que o autor referencia e transcrever e publicar a obra na íntegra.

Referências:

BENCOSTA, Marcus Levy Albino. Grupos Escolares no Brasil: um novo modelo de Escola primária. In: STEPHANOU, Maria & CAMARA BASTOS, Maria Helena. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. (Vol. III - Século XX). Petrópolis: Vozes, 2005.

CADERMATORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CÉSAR, Guilhermino. A vida literária no Rio Grande do Sul in: **Rio Grande do Sul: terra e povo**. Porto Alegre: Globo, 1964.

CÉSAR, Guilhermino. Prefácio. In: SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

DORIA, A. de Sampaio. **Como se aprende a língua: Curso Geral**. 6ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

FILIPOUSKI, Ana Mariza & ZILBERMEN, Regina. **Érico Verissimo e a Literatura Infantil**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1982.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Cultura Escrita: Séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LAJOLO, Marisa. & ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2003.

LAJOLO, Marisa. & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Ática, 1999.

LOPES, Eliane Marta Teixeira & GALVÃO, Ana Maria. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LÜDKE, Menga. ANDRE, Marli E. D. **A Pesquisa em Educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCHI, Diana Maria. **A Literatura Infantil Gaúcha: uma história possível**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000.

NOGUEIRA, Ester Wayne. **Entrevista**. Bagé, 11 de novembro de 2007; 10 de maio de 2008 e 22 de maio de 2008.

ORNELLAS, Manoelito de. **Uma viagem pela Literatura do Rio Grande do Sul**. (Separata do número quatro da Revista Atlântico). Portugal: MCMXLVII, 1948.

SILVA, João Pinto da. **História Literária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1930.

STEPHANOU, Maria & CAMARA BASTOS, Maria Helena. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. (Vol. III - Século XX). Petrópolis: Vozes, 2005.

WAYNE, Leopoldina Almeida Calo. **Entrevista**. Bagé, 11 de novembro de 2007, 19 de abril de 2008 e 28 de março de 2008.

WAYNE, Pedro. **Monteiro Lobato**. (Diário de publicações de Pedro Wayne, Páginas 197 a 199, Bagé, Casa de Cultura Pedro Wayne). Bagé: Correio do Sul, 1948.

WAYNE, Pedro. **Almas Penadas**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1942.

WAYNE, Pedro. **Continuam as Histórias da Teté**. Manuscrito. Bagé, s/d.

WAYNE, Pedro. **Dina**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1935.

WAYNE, Pedro. **Histórias da Teté**. Manuscrito. Bagé, s/d.

WAYNE, Pedro. **Impressões sobre um livro**. Revista do Globo (Ano IV, nº 21, outubro de 1932). Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo S.A., 1932.

WAYNE, Pedro. **Outras Histórias da Teté**. Manuscrito. Bagé, s/d.

ZILBERMAN, Regina. **No começo, a leitura**. (Em Aberto, ano 16, n.69, jan./mar). Brasília: Em Aberto, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura Gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação**. São Paulo: Ática, 1987.